



A MARCA DA ÁGUA: PRESENÇA, REPRESENTAÇÃO E SIMBOLOGIA

Ana Paula Silva
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo: O presente ensaio visa fazer uma breve discussão e análise sobre a presença da água, como materialidade e como sugestão, no espetáculo *A Marca da Água*, direção de Paulo de Moraes e dramaturgia de Maurício Arruda Mendonça e Paulo de Moraes. Além disso, têm-se em vista relacionar as simbologias referentes à água já presentes e estabelecidas historicamente por mitos e pela literatura e as suas representações utilizadas para compor a peça. Para a constituição deste trabalho, foi realizado um estudo de caráter bibliográfico que se baseia majoritariamente na perspectiva de Bachelard (1997), Chevalier e Gheerbrant (2020) e Sarrazac (2012). Dessa forma, busca-se entender as ligações da simbologia da água com os acontecimentos físicos, psicológicos e neurológicos da peça, mais especificamente de Laura, personagem protagonista e que se relaciona intimamente com as representações apresentadas, sendo modificada por elas, em sua relação com as outras personagens mas, principalmente, em sua relação consigo mesma.

Palavras-chave: A marca da água; simbologia; água; Armazém Companhia de Teatro; signos teatrais.

A Marca da Água: presence, representation and symbols

Abstract: This essay aims to briefly discuss and analyze the presence of water, as materiality and as a suggestion, in the show *A Marca da Água*, directed by Paulo de Moraes and dramaturgy by Maurício Arruda Mendonça and Paulo de Moraes. In addition, the aim is to relate the symbologies referring to water already present and historically established by myths and literature and their representations used to compose the piece. For the constitution of this work, a bibliographic study was carried out, based mostly on the perspective of Bachelard (1997), Chevalier and Gheerbrant (2020) and Sarrazac (2012). In this way, the aim is to understand the links of the water symbology with the physical, psychological and neurological events of the play, more specifically of Laura, the protagonist character and who is closely related to the representations presented, being modified by them, in their relationship with the other characters, but mainly in her relationship with herself.

Keywords: A marca da água; symbology; water; Armazém Companhia de Teatro; theatrical signs.

O espetáculo *A Marca da Água*, de Armazém Companhia de Teatro, traz a história de Laura, uma mulher que encontra, sem explicação plausível, um grande peixe em seu jardim. O misterioso aparecer desse peixe desperta nela sintomas de uma doença causada por um incidente ocorrido na infância. Assim, acompanhamos, no desenvolvimento da peça, a evolução da doença de Laura e mergulhamos em seu cérebro, suas memórias e lembranças, buscando entender sobre sua história, sua doença e sua relação com essa enfermidade ao longo da vida.

Como o próprio nome do espetáculo anuncia, a água será um elemento fundamental para a constituição da narrativa e das personagens, principalmente de Laura. Este elemento estará constantemente presente e carregará diversos significados, o que auxiliará a construir parte dos sentidos buscados pela peça. Dessa maneira, este ensaio objetiva discorrer sobre a presença da água e suas diversas formas de representação em *A Marca da Água*.

O primeiro mecanismo teatral a ser destacado é a montagem que, segundo Sarrazac (2012), exerce efeito de poder na dimensão da recepção do espectador na medida em que quebra a ação dramática definida pela tradição Aristotélica-Hegelian e preza pela fragmentação dos signos teatrais. A não cronologia do espetáculo, no entanto, vai além de uma pura escolha estrutural, mas se relaciona intrinsecamente com a água, uma vez que evoca a fluidez desse elemento, o movimento de ir e vir, a capacidade de adaptação e de assumir diferentes formas de apresentação. Além disso, faz-se importante destacar que os cortes tempo-espaciais feitos na peça são marcados pela água, posto que o cair e o sair dela, além de estarem presentes no enredo do espetáculo, são utilizados na transição entre presente e passado; real e memória; espaço(s) físico(s) e espaço mental.

Na vista do signo sonoro, recorrente durante toda a peça, observa-se que intensifica a recepção do espectador de outros signos teatrais e dá o ritmo do espetáculo, firmando a cadência das falas das personagens e dos acontecimentos expostos. Por vezes, o sonoro-musical se coloca de forma suave e, por vezes, se coloca tempestuoso e violento, traduzindo o momento da peça, os sentimentos e as emoções, auxiliando, assim, na construção das ambientações. Para mais, em alguns momentos, o sonoro evoca explicitamente a água em suas diversas formas: como chuva, mar, rio, entre outras. Institui-se, portanto, desde a escolha sonora, a água como condutora do espetáculo.

O peixe, ser que desencadeia todos os processos neurológicos de Laura, também se constitui como um signo teatral. Ele não só aparece materialmente, mas carrega lembranças do passado, principalmente da infância, acentuando a conexão da personagem com a água. Ernest Aeppli em seu livro “*Les rêves et leur interprétation*” (1951) afirma que “o peixe é um animal

psíquico” e que “A Água, símbolo do espírito ainda inconsciente, encerra o conteúdo da alma, que o pescador se esforça para trazer à superfície, e que deverá alimentá-lo. (apud CHEVALIER e GHEERBRANT, 2020, p. 66). Levando essa afirmação em consideração, não por acaso as memórias de Laura com o pai estão fortemente ligadas à pescaria e à figura do peixe. Avaliando a Laura do presente, já em sua maturidade, o peixe funciona como uma parte dela, um reflexo de si, um espelho de suas impressões e emoções. No início do espetáculo Laura diz: “mas olha só no olho dele, ele está melancólico” (3’15’’). Essa melancolia, na verdade, não se encontra no peixe, mas nela, que enxerga na figura dele as alegorias que necessita para se expressar.

Em se tratando da projeção, nota-se que esse signo teatral ganha destaque e papel fundamental. Ela é utilizada em quase todos os momentos da peça e auxilia o espectador a adentrar de forma mais intensa no que acontece durante o espetáculo, uma vez que traz não só uma otimização das experiências físicas das personagens, mas também do psicológico, das sensações e emoções das personagens. Logo no início da peça aparecem projeções com a cor azul que nos lembram água, mas que se transformam em um céu. Quando Laura cai na piscina, a projeção aparece, sendo possível ter ideia do que acontece lá dentro. A projeção faz com que esse momento não seja apenas contado para o espectador, e sim faz com que ele participe da experiência junto com ela. Vê-se o seu mergulho de forma “física”, mas também, o mergulho na sua mente, nos pensamentos e memórias quando, por exemplo, na projeção, peixes aparecem nadando com ela e, gradativamente, o azul da água se torna o azulado frio de imagens médicas, que possibilitam afirmar a relação da água com o psicológico de Laura. A partir desse momento, as projeções passam a trazer imagens de tempestades junto com imagens de raio-x que, junto a um suporte sonoro que evoca esse caráter tempestuoso, reiteram a relação estabelecida entre o psicológico e a água. A projeção também auxilia na intensificação da cena do acidente de Laura, já que no momento em que ela cai no pequeno corpo de água do palco, as projeções trazem uma água que se mancha de sangue.

Todos os signos apresentados, e vários outros que compõem a peça, convergem para o signo teatral da água. Ela aparece de diversas formas: por vezes como presença física, como no corpo de água presente no palco, por vezes como uma alusão, como na roupa azul de Laura cuja textura amassada lembra o ondular de uma superfície aquática, por vezes como representação, como na iluminação do palco que, em determinados momentos, se assemelha à água. No decorrer da peça, observa-se que a água funciona como reflexão, tanto no sentido físico, como espelho, quanto no sentido filosófico. Tem-se sua presença no luto, na dor, nos traumas, nas tragédias familiares, na memória, observando-se, inclusive, que Laura está sempre molhada quando dá vazão aos seus pensamentos e lembranças.

Chevalier e Gheerbrant (2020) apontam que a significação simbólica da água pode ser dividida em três grandes temas principais: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Essas três proposições estão presentes na peça em vários momentos, em maior ou menor proporção: a primeira se relaciona com a vivacidade e o deixar o estado de melancolia e letargia, que Laura apresenta no início da peça quando ainda está tentando barrar a ação da água e todas as suas consequências; a segunda se conecta com o retorno de Laura às suas memórias e ao seu psicológico, abraçando a sua enfermidade e o resultado de deixá-la fluir; a terceira, por fim, está presente no processo cerebral, na sua plasticidade e capacidade de adaptação. Toda essa simbologia direciona para o renascimento de Laura a partir da aceitação dessa inevitável enfermidade e dos seus produtos. Tal direcionamento é indicado já no início da peça quando é dito para Laura que ela precisa aprender a aceitar o inevitável, de forma a antecipar sutilmente o que se sucederá ao longo do enredo, esse processo que é de “Mergulhar nas águas para delas sair sem dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2020, p. 59).

Ainda sobre esse elemento, Chevalier e Gheerbrant afirmam: “A água é símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2020, p. 66). A partir do aparecimento do peixe e da aceitação da água por Laura, têm-se o adentrar no mais fundo do inconsciente e daquilo que ficou soterrado por anos e começa a ressurgir. Ao adentrar no inconsciente e nas memórias, Laura começa a entender e refletir sobre si. Evidencia-se uma das cenas da peça onde, numa consulta, um médico diz para Laura e sua mãe que a água no cérebro tem a função de proteger, mas também tem o poder de sufocar o paciente. Durante essa passagem, Laura está com um balde na cabeça, como se esse objeto impedisse de jorrar, de dar vazão, de escapar, representando a supressão dessa energia do inconsciente, das paixões e da loucura que a água carrega.

Já Bachelard (1997) comenta que a água tem inerente ligação com a figura feminina e, por isso,

O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água.” (BACHELARD, 1997, p. 11).

A água é, então, substância de vida e substância de morte (BACHELARD, 1997). Essa característica ambivalente e dupla se coloca no espetáculo, que a todo momento. Pode ser citado

como exemplo a água como presente nas memórias felizes de Laura, no entanto, também presente na morte do pai. Para representar esse momento, as roupas dele são colocadas no corpo de água no palco encarnando a dor das personagens e a forma como ele morreu. Desse modo, têm-se o duplo da ação física e da ação psicológica da água. Uma outra situação onde o caráter ambivalente da água se mostra de maneira sequencial e, conseqüentemente, mais explícita é o desenrolar da brincadeira de Laura com o irmão e, logo depois, seu acidente. A presença da água passa, isto posto, rapidamente da representação de afeto para a representação de desastre.

A partir do seu acidente, Laura passa a enfrentar um sofrimento interno causado tanto por questões puramente neurológicas, mas afetado também pela sua tentativa de supressão de seu lado mais volúvel. Relaciona-se a isso o que traz Bachelard (1997) quando afirma que o sofrimento da água é infinito e vinculado a uma melancolia sonhadora (BACHELARD, 1997). Ao começar a deixar de suprimir sua volatilidade, Laura passa por um reconhecimento de sua identidade, do seu inconsciente e da sua dualidade, que se assemelha à da água quanto à presença de pulsões de vida e de morte.

A Marca da Água é um espetáculo poético, não só pela forma como são abordadas as temáticas, mas pela própria condição da água de trazer essa realidade poética e mí(s)tica. Ela se faz presente em Narciso e Ofélia, por exemplo, sempre despertando uma duologia simbólica apesar de, no fim, se apresentar como matéria única e homogênea. Assim também é Laura, que apesar de manifestar diversos conflitos interiores que escapam para o exterior, é, de certa forma, carregada dessa unidade.

Se encaminhando para o fim da peça, vê-se de maneira mais incisiva o mergulho de Laura no seu inconsciente, trazido de forma literal e alegórica ao fazê-la encontrar na água de seu cérebro o pai usando um escafandro. Durante esse diálogo é revelado que este espaço é o cérebro de Laura e expõe fortemente a característica de água como purificação. Mesmo trazendo essa ideia, permanece, como plano de fundo, a característica melancólica e destrutiva, uma vez que o renascer passa pela morte, seja ela de um caráter psicológico ou físico. Assim sendo, Laura decide mergulhar na água para renascer, assumindo os riscos mais extremos de sua escolha.

Os signos teatrais presentes na peça não estão ilhados, mas atuam em conjunto e intensificam os sentidos uns dos outros. Todos se voltam para a construção da psique de Laura e de sua íntima relação com a água. Este elemento, não só é trazido como materialidade, mas como sugestão e desempenha importante papel no processo de composição das perspectivas da história. Dessa forma, conclui-se que o conjunto formado pela interligação desses signos conduz o espectador para uma imersão nos conflitos (inter)pessoais das personagens e uma

maior compreensão do que está sendo expresso. Em se tratando especificamente da água, constituinte que se destaca, nota-se um trabalho cauteloso de abordagem das suas simbologias, passando pelos três temas gerais, fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência, e aprofundando-se em alguns aspectos, de forma a estabelecer uma rede simbólica não só com os acontecimentos internos da peça, mas também com a tradição de representações desse elemento.

Referências

AEPPLI, Ernest. **Les Rêves et Leur Interprétation**. Paris, 1951.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

SARRAZAC, J.P. **Léxico do drama moderno contemporâneo**. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

Recebido em: 31/07/2021 Aceito em: 16/09/2021